

A MINHA CASA

MARIA JOANA VILELA, 2015

Se me perguntas pela minha casa, eu indico-te um lugar. Pergunto-me sobre a minha intimidade, sobre o meu repouso absoluto. Questiono-me a respeito do meu corpo e da sensação de ali estar. Respondo-te que a minha casa é aquela cabana de madeira, a biblioteca da cidade, a rua das flores, dos bares, o carro, a serra, outro, aonde me sinto íntimo e inteiro.

A minha casa é essa estrutura que te mostro, que me abriga; é uma construção que levantei em torno das minhas circunstâncias. Se me perguntares pela minha casa, eu reflecto sobre mim próprio, sobre esse estado.

Primeiro, o vazio de quem se procura. Depois, o potencial de se escutar a si próprio, de reparar. Se caminho, investigo-me. Pesquiso uma direcção. Este ou aquele podem ser os lugares para o meu repouso; em mim reconhecerei essa possibilidade, o meu corpo dar-me-á as indicações de que preciso. Se eu sentir com o corpo o que aí está diante de mim, assim terei a orientação para a minha construção. A casa é essa estrutura que se ergue em torno da ausência e, por isso, é sempre uma estrutura transitória de mim próprio.

Se dali eu me afastar por metros, por quilómetros, muitos, se me perder, fico pois sem a casa. Fico aonde só restam, de novo, o vazio e a procura. Recomeço a construir. Digo-te: a casa é a (re)construção em torno da procura de mim, é onde, provisoriamente, eu me encontro. Por isso, se me perguntas pela minha casa, eu mostro-te o que sou hoje.